SEMINÁRIO

**museu e juventude: reinventando diálogos**

**17 de maio – 4ª feira** (Museu Histórico Nacional)

**17h – Apresentação cultural**
**Francisco Gregório da Silva Filho** (Contador de histórias e técnico do Setor Educativo do Paço Imperial)

Querida Dolores:

Escrevo-lhe estas *mal-traçadas linhas* para dizer de minha alegria em receber sua carta. Uma boniteza só.

Sua correspondência promoveu uma boa ambiência de leitura. Você é uma boa notícia.

Suas histórias de mulher trabalhadora, mãe, educadora e leitora são exemplares de brasileiros decentes e responsáveis. Lendo-as, uma imensa ternura ocupa meu coração e aquece o sonho de pertencer a essa porção da nação que se envolve com os desejos do povo por melhor exercitar sua condição de leitor cidadão.

Por um instante aquietei-me. Uma lembrança guardada acordou-me: éramos sete crianças, cinco homens e duas mulheres. Somos ainda os sete.

Quando na infância, um ajudava a cuidar do outro, mesmo assim, o trabalho era grande. Meu pai trabalhava nos dois turnos. Tínhamos que lhe levar o almoço na repartição. Minha mãe era professora. Formada pelo Instituto de Educação (Escola Normal). Deu aula durante vinte e cinco anos. Ministrava aulas para turmas do primário na escola e cuidava da casa e dos filhos. Num determinado horário do dia, geralmente à tardinha, recolhia-se a um canto da sala da casa para pensar e planejar suas aulas. Precisava de silêncio. Os filhos percebiam e se afastavam todos em respeito àquela necessidade. Minha mãe, professora, permanecia por uma, duas e, às vezes, até por três horas em sua mesinha de estudos, envolvida nesses planejamentos.

Nós os filhos, procurávamos contribuir com o mínimo possível de interrupção. Sabíamos da importância daquele momento para a boa harmonia em nossa casa e para o bom equilíbrio das obrigações de nossa mãe professora.

Também éramos gratificados quando íamos nos vestir e nos calçar e encontrávamos pequenos papéis em nossos bolsos e nossos calçados,

dobradinhos e com a caligrafia da professora mãe que nos escrevia mensagens: *gosto de você*, *amo você*, *cuide-se*, *lave as mãos*, *você é bonito*, *lembre-se de escovar os dentes*, *leia uma boa história*, *cuide de seus irmãos* e tantos outros recados. Até em nossos cadernos, descobríamos as letrinhas dela nos animando e pedindo atenção *no cuidar*.

Sabíamos depois, por seus comentários em casa, das historias, das brincadeiras e também das cantigas desenvolvidas com as crianças da escola. Resultado dos planejamentos.

Minha *mãe professora* ainda encontrava tempo para preparar uns bolos. Bolos de laranja, limão, chocolate, baunilha e a broa de milho. Alguns para nós de casa e uns outros para os da escola.

Penso em como nós crianças somos marcadas pelas presenças desses bolos e dessas ambiências amorosas de aprender, cantar, brincar, ouvir e contar histórias.

Em meus melhores momentos de encontrar o outro e os outros, a idéia de compartilhar vem alimentada por essas presenças afetivas.

Você, Dolores, é uma presença inquieta, indignada, amorosa e inventiva que meu coração deseja e precisa sempre acolher, com amizade.

No meu imaginário, Dolores, vejo você também como uma professora que sempre planeja suas aulas, temperando-as com histórias, brincadeiras e cantigas. Você também, professora mãe aprendente. Com seus momentos de recolhimentos para a conquista do silêncio interior tão necessários para a recomposição das energias e para a convivência criadora com as crianças em casa e na escola.

Esse *estado* de estar em permanente aprendizagem, possibilita o enriquecimento do *estado* de ensinar:

Uma escuta, um gesto, uma cantiga, um abraço, um repartir o bolo, um compartilhar o olhar, uma oração, uma leitura em voz alta, umas reflexões com o outro, *uma notícia boa*, uma escrita, uma brincadeira, uma dança, um silêncio, uma expressão, uma crônica, uma poesia...

Faz-se necessário muito esforço. Esforços desenvolvidos entre os seus em casa e na escola, e com os seus e os demais. Agindo, reagindo e interagindo como ser integrante da natureza e como ser que quer se integrar às culturas. Produtor crítico e inventivo de leitura.

Nós, dos sete irmãos, quatro conseguiram formação em nível superior. Três em nível técnico. A batalha contra a exclusão é grande e permanente. Em meu histórico escolar posso ser considerado um reprovado. Muitas reprovações. As ajudas para superá-las sempre vieram das artes. Em toda a minha trajetória de escolarização, precisei do incentivo dos professores de artes: artes visuais, artes cênicas, música e literatura e também o rádio.

Quando cheguei ao Rio de Janeiro, em 1968, com 18 anos, fui estudar numa escola pública, no turno da noite, o 2º ano do curso técnico em contabilidade. Escola Novo México, em Botafogo – novamente ganhei reprovação em matemática. A opção foi migrar para uma escola particular, no mesmo bairro de Botafogo, para poder seguir o curso. Mas, o que quero trazer aqui é a experiência pela qual passei no MAM (Museu de Arte Moderna). Vindo com a família de Rio Branco-AC para o Rio, fomos morar no bairro da Glória. – bairro classe-média pobre. Pois bem, indo estudar à noite no tal curso de contabilidade, passava as manhãs e as tardes livres. Sem trabalho e sem recursos para empreender uma ocupação, descia as ruas Santa Cristina e Benjamin Constant, atravessava o Largo da Glória e o Aterro do Flamengo e ia parar no MAM. Época em que o mesmo oferecia cursos, oficinas, seminários, debates e os filmes projetados pela sua Cinemateca, tudo gratuito, uma benção para nós que tanto precisávamos.

Fui acolhido muito bem e ali iniciei minha participação em grupos culturais: cineclubes, teatro e poesia. Nos anos difíceis politicamente para o Brasil o MAM era uma usina de debates e inclusão. Considero que o MAM me salvou. Despertou em mim o sentimento de pertencimento à cidade do Rio de Janeiro. Daí fui fazer o curso de Artes Cênicas na FEFIERJ. Experiência de aprovação. Descobri aí a dramaturgia universal: as tragédias gregas, os dramas

renascentistas, o teatro de Shakespeare e a dramaturgia brasileira. Uma festa, um banquete para a leitura.

Foi então que descobri a Biblioteca Pública Castro Alves – na época situada na Cinelândia, no centro da cidade. A partida para a salvação. Idiossincrásico e diabólico, construo esse meu jeito de brincador. *O que brinca com a dor:* aprendiz de ler e escrever – o que estuda para poder encontrar os que ensinam. Por isso, os nossos encontros com as *práticas leitoras* para compartilhar umas *boas notícias*.

Muito obrigado, Dolores. O abraço do

Gregório.

PS: Pensei que, como você está participando das Oficinas que realizo no Paço Imperial, seria pertinente tomar conhecimento do *Programa de Ações de Práticas Leitoras e de Contação de Histórias* que venho desenvolvendo neste Centro de Cultura. Envio-o em anexo.

(carta enviada à professora baiana-
mana Dolores Coni Campos)
Por: Francisco Gregório Filho